

Telefonaram-me, ouvi uma voz feminina: — Desculpe o incómodo, mas aqui a minha mãe... — A voz interrompeu-se. — A minha mãe morreu e deixou uns manuscritos. Pensei que a senhora talvez os pudesse ler. Era poeta. É claro, compreendo, a senhora está ocupada. Muito trabalho? Compreendo. Então, desculpe.

Duas semanas depois chegou num sobrescrito uma pasta poeirenta com muitas folhas de texto, cadernos escolares, até impressos de telegramas. Subtítulo: «Apontamentos à margem da mesa». Sem endereço nem nome.

HORA: NOITE

Ele não sabe que em visita não podemos correr para o toucador e agarrar avidamente em tudo, vasos, estatuetas, frasquinhos e sobretudo caixinhas de bijutaria. Que à mesa não se pode pedir mais. Ele, criança da fome, em casa alheia apalpa tudo por todo o lado, encontra no chão um carrinho de brincar esquecido debaixo da cama e acha que o achado é seu, está feliz, aperta-o ao peito com a cara radiante e anuncia à dona da casa que olhe o que encontrou para ele, e onde — perdido debaixo da cama! A minha amiga Macha, o neto dela é que metera debaixo da cama o carrinho americano, uma prenda dela, e o es-

quecera ali, ela, a Macha, compelida pelo sinal de alarme, rompe da cozinha, o seu neto Deniska e o meu Tímotchka estão num conflito terrível. Uma boa casa do pós-guerra, viemos pedir algum emprestado até eu receber a reforma, todos eles já desaguavam da cozinha com as bocas gordurosas, lambendo os beiços, e a Macha foi obrigada, por nossa causa, a voltar à mesma cozinha e a cogitar no que podia dar-nos sem prejuízo. Está pois o Deniska a arrancar-lhe o carrinho das unhas e o meu a agarrar-se com os dedinhos ao desgraçado brinquedo, ora o Deniska tem uma verdadeira exposição desses carros, filas deles, tem nove anos, um grandalhão. Desprendo o Tima do Deniska e do seu carrinho, o Tima está assanhado, são capazes de nunca mais nos deixar entrar, desta vez a Macha até já hesitara ao espreitar-me pelo óculo da porta! Em resultado, levo-o à casa de banho para lhe lavar a cara, enfraquecido por tamanho choro, tal histeria numa casa alheia! É por isso que não gostam de nós, por causa do Tímotchka. Eu é que me comporto como a rainha de Inglaterra, recuso-me a comer qualquer coisa, que coisa? O chá com açúcar e tostas! Tomo o chá deles com o meu pão, arranco pedacinho a pedacinho, não aguento, porque a fome à mesa alheia é insuportável, agora o Tima devora as tostas e pergunta, e com manteiga posso? (Esqueceram-se de arrumar a manteigueira.) «E tu?» — pergunta-me a Macha, mas para mim o que importa é saciar a fome do Tima: não, obrigada, põe mais manteiga ao Tímotchka, queres mais, Tima? Apanho olhares de esguelha do Deniska que está à porta, já sem falar do genro Vladímir que foi fumar para as escadas e da sua mulher Oksana que entra nesta mesma cozinha, conhecendo perfeitamente o que me dói e dizendo na presença do Tima (a propósito, ela própria tem muito bom aspecto):

— Então, tia Ánia (sou eu), a Aliona tem aparecido? Tímotchka, a tua mãe visita-te, não?

— Ah, não, Dúnetchka (é o seu nome carinhoso familiar), será que ainda não te disse? A Aliona está doente, aquilo da mastite não lhe passa.

— Mastite???

(Subentende-se o por que diabo, por causa de que coisa tem ela a mastite, de que leite?)

E eu então, tirando muito depressa mais algumas tostas, são umas boas tostas, à base de natas, levo o Tima para fora da cozinha, rumo à sala, vamos-vamos, o «Boa noite, pequeninos» já vai começar, embora falte ainda meia hora. Mas ela vai atrás de nós a dizer que se pode apresentar queixa no trabalho da Aliona por abandono da criança à própria sorte. Serrei eu a própria sorte ou quê? Olha que curioso.

— Qual trabalho, Oksana, se ela está em licença de parto?

Por fim pergunta se o pai da criança será aquele de quem a Aliona em tempos lhe falou pelo telefone: que não sabia que podia ser assim, que parecia impossível, que chorava, que acordava de manhã e que chorava de tão feliz? É esse? Foi quando a Aliona nos pediu o empréstimo para uma casa cooperativa mas não tínhamos, estávamos a mudar de carro e com obras na casa de campo? É esse o pai? É? Respondo que não estou ao corrente.

Todas estas perguntas são feitas com o propósito de não aparecermos mais. Mas olha que eram amigas em pequenas, a Dúnetchka e a Aliona, éramos vizinhas nas férias no Mar Báltico, eu jovem e bronzeada, com o marido e os filhos, e a Macha com a Dúnetchka, numa altura em que ela, a Macha, estava a recuperar depois de ter andado numa luta cruel atrás de um homem, fez um aborto, mas ele ficou com a sua família, sem desistir de nada, nem da Tómkik, a modelo, nem de uma Tússia de Leninegrado, a Macha sabia de todas, e ainda deitei lenha na fogueira pois conhecia mais uma, do Instituto Cinematográfico, famosa pelas ancas largas e porque depois se casou mas recebeu em casa uma carta da clínica de doenças venéreas avisando que tinha faltado a mais uma injeção contra a gonorreia, então foi a esta mulher que ele disse adeus para sempre da janela do seu *Volga*, e ela, ainda estudante, corria atrás do carro e chorava, e o homem, então, atirou-lhe

um envelope em que (ela parou para apanhá-lo) havia dólares, mas poucos. Era um professor universitário, o seu tema era Lênin. A Macha ficou sozinha com a Dúnetchka, e nós, eu e o meu marido, é que a distraíamos e lá ia ela toda lânguida connosco ao restaurante com redes de pesca nas paredes, na estação Majori, e pagávamos nós a conta, não há problema, a vida é curta, apesar daqueles seus brincos com safiras. Ora ela soube dizer sobre a minha pulseira de plástico simples estilo moderno, um rublo e vinte copeques, fabrico checo: «É uma argola para o guardanapo?» — «É» — respondi, e enfié-a no pulso.

O tempo passou, não falo aqui de como fui despedida, digo como éramos e seremos de níveis diferentes, eu e esta Macha, está então o genro dela Vladímír sentado a ver a televisão, é por isso que à noite costumam ser agressivos, porque daqui a nada o Deniska vai bulhar com o pai porque quer mudar para o «Boa noite». O meu Tímotchka vê este programa uma vez por ano e diz para o Vladímír: «Por favor! Por amor de Deus!» — e junta as mãozinhas e quase se põe de joelhos, está a imitar-me, infelizmente. Infelizmente. O Vladímír alimenta uma certa antipatia pelo Tima, quanto ao Denis está pelos cabelos com ele, o genro, que digo-vos em segredo que aquilo está no fim do prazo, isto é certo, daí a mordacidade da Oksana. O genro também está com o tema de Lênin, a fazer o mestrado, este tema cola-se à família deles, embora a própria Macha edite tudo e mais alguma coisa, trabalha na redacção dos calendários, onde também me deixou ganhar algum, muito lânguida e presunçosa, embora fosse eu que a desenrascasse escrevinhando num instante um artigo sobre o bicentenário da fábrica de tractores de Minsk, mas o pagamento dela foi inesperadamente pequeno, já que fui pelos vistos co-autora de alguém, o técnico-chefe da fábrica, são essas as regras deles porque é preciso que haja competência nestas coisas. Depois houve uma situação muito grave, pelo que ela me disse para não aparecer lá nos cinco anos mais próximos,

houve um comentário qualquer, género que bicentenário da fábrica dos tractores podia ser, como foi que no ano de mil setecentos e tal foi produzido (saiu da linha de montagem) o primeiro tractor russo?

Quanto ao genro Vladímir, no referido momento está a ver a televisão com as orelhas vermelhas, é um jogo qualquer importante. A anedota típica! O Deniska está a chorar, de boca escancarada, sentado no chão. O Tima mete-se ao barulho em seu socorro e carrega, inepto e às cegas, nos botões da televisão, a televisão apaga-se, o genro salta do lugar aos berros, mas eu estou aqui pronta para tudo, o Vladímir vai à cozinha buscar a mulher e a sogra, não chegou a recorrer às represões, graças a Deus conteve-se, não tocou na criança abandonada. Mas o Deniska já repeliu o alvoroçado Tima, ligou como devia ser, e lá estão sentados a ver os desenhos animados e o Tima ri às gargalhadas feliz da vida.

Mas nem tudo é simples neste mundo, e o Vladímir fez às mulheres uma delação a sério, exigindo sangue e ameaçando ir-se embora (acho eu), e a Macha entra com aquela tristeza de pessoa que fez uma obra de caridade que não devia ter feito. Atrás dela marcha o Vladímir com cara de gorila. Uma boa cara masculina, a lembrar Charles Darwin, menos neste momento. Transparece nela qualquer coisa baixa, desprezível.

É escusado continuar a ver este filme, estão a berrar com o Deniska, as duas mulheronas, o Tímotchka não se importa, habituado que está a ouvir berros com fartura... Apenas começa a entortar a boca. É um tique nervoso. Gritando eles com o Deniska, os visados somos nós, obviamente. Pobre, pobre órfão, é assim a digressão lírica. Ainda melhor foi numa casa de pessoas conhecidas de passagem em que entrámos, eu e o Tima, não tínhamos o número do telefone. Entrámos, eles estão à mesa. O Tima: «Mamã, também estou com fome!» Oh, oh, temos passeado muito, a criança ganhou apetite, vamos já para casa, Tímotchka, só queria perguntar se havia notícias da Aliona (é a família de uma ex-colega dela, parece que se telefonam de vez em